

A EXPERIÊNCIA DO CURSINHO POPULAR E O DIREITO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Andrei Chirilã¹
Júlia Fernandes Cordeiro Farias²
Mayra Ribeiro de Oliveira³
Wendy Gomes de Brito⁴

- Introdução / Justificativa

A população residente do campo enfrenta atualmente diversos problemas para conseguir ter acesso à educação. Tais problemas advêm muitas vezes de certo preconceito apregoado pela mídia de massas, que coloca a população campesina como incapaz, ingênua e desprovida de conhecimentos. Também ressoa no imaginário da população brasileira a figura do “Jeca Tatu”, personagem de Monteiro Lobato, autor brasileiro, que personificava nessa figura o arquétipo da população que vive no campo como imaturos, grosseiros, dentre outros juízos de valor.

Através do contato dos estudantes da Universidade Estadual Paulista(UNESP)-Campus Franca com a comunidade de acampados no Acampamento Irmã Dorothy, município de Restinga - SP, um dos moradores do acampamento, ressaltou a importância de se fomentar um Cursinho Popular preparatório para o concurso vestibular, emissão de certificado de Conclusão de Ensino Médio e alfabetização de jovens e adultos.

Como se sabe, a criação dos assentamentos e acampamentos é alcançada através da luta política. Um exemplo rico neste sentido é o Acampamento "Irmã Dorothy", que se iniciou como uma ocupação relacionada aos movimentos de moradia, próximo à rodovia que liga Franca a Restinga, com um pequeno grupo, que acampou no local referido, trazendo mais algumas famílias para compor a ocupação. Porém, o prefeito de Restinga, como forma de conter o referido processo, iniciou um processo de reintegração de posse do local, que resultou na saída de muitas famílias.

A área onde se situa o acampamento, estava atravessada por um trecho de estradas de ferro, que foram posteriormente desativadas, visando a instalação de um aterro para a cidade de Restinga, que também foi posteriormente desativado, e fez com que o terreno passasse por um processo de terraplanagem.

Este trecho de ferrovia era parte de uma ferrovia maior que ligava Rifaina a Ribeirão Preto, e que por sua vez, fazia ligação a outras ferrovias que desembocavam no Rio de Janeiro, área esta conhecida como Estação do Mandiú, que após a reintegração de posse por parte da prefeitura, foi ocupada pelas famílias por três meses. Porém, a posseira que vivia na região, e tinha laços de parentesco com o prefeito de Restinga, em conjunto com a prefeitura, iniciou um novo processo de reintegração de posse, provocando a expulsão das famílias que aí estavam, e que voltaram a ocupar o antigo terreno. Este processo, por sua vez, fez com que muitas pessoas abandonassem a ocupação, reduzindo o grupo inicial a apenas três famílias.

Devido às constantes pressões por parte da prefeitura, as pessoas que compunham a ocupação, se encontravam em uma situação precária, já que não havia abastecimento de água, luz ou qualquer outro meio básico de subsistência, pois eram tratados como ilegais perante a lei. As condições insalubres de vida no local, fizeram

¹ Graduando do curso de História – UNESP Campus Franca

² Graduanda do curso de Relações Internacionais – UNESP Campus Franca

³ Graduanda do curso de Serviço Social – UNESP Campus Franca e bolsista CNPq

⁴ Graduanda do curso de Serviço Social – UNESP Campus Franca

com que os poucos componentes presentes desde a primeira ocupação, solicitassem orientação junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que por meio da demarcação de terras, conseguiram estabelecer o assentamento “17 de Abril” na Fazenda “Horto da Boa Sorte”. Esta aproximação fez com que a bandeira de luta adotada, deixasse de ser por moradia, e passasse a ser a de reforma agrária, há cerca de três anos.

Sabe-se da importância que a universidade pública têm em relação à realização de pesquisas acadêmicas, e muitas vezes estas nem sempre estão voltadas para a produção de conhecimento de cunho social, visto que estão alinhadas à lógica do capital. Segundo Raquel Santos Sant'Anna, em seu artigo *A neutralidade da ciência a favor do capital* (2006, pg.175-190), os maiores financiadores das pesquisas são empresas principalmente vinculadas ao agronegócio. Também as universidades públicas, a UNICAMP e a ESALQ (USP), por exemplo, fomentam pesquisas voltadas ao mercado capitalista internacional e agroexportador. Tendo isso em vista, é de suma importância possibilitar formas de expansão e socialização do conhecimento científico, de maneira crítica e transformadora.

Através da iniciativa do projeto popular, visamos justamente à construção de uma educação do campo, de modo a propiciar a integração com a comunidade acampada, buscando também a emancipação política dos educandos. Sabendo da dificuldade de acesso que a comunidade acampada tem ao ensino no campo, situação vivenciada por estes devido ao preconceito e também da dificuldade de acesso aos locais onde existam cursinhos populares na cidade. Percebe-se que há uma demanda e que tal necessidade é fundamental para que os mesmos possam efetivar o direito à educação, tão importante atualmente em nossa sociedade e assegurado pela Constituição Federal de 1988, no artigo 6º, capítulo II.

A partir da realidade desses educandos, pretende-se contribuir para a construção de um espaço no qual haja a troca de saberes de maneira circular e horizontal, discutindo-se temáticas caras às necessidades destes educandos, como também dos conteúdos de vestibulares.

Embora o cursinho tenha sido pensado para suprir uma demanda interna do acampamento tendo em vista o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e alfabetização de jovens e adultos, depois de um contato direto com esta comunidade, pôde-se perceber que é preciso, sobretudo, uma educação voltada para a formação crítica e não somente em conteúdo, mas que valorize os saberes da comunidade, buscando nesta parte compreendê-la em seus diversos aspectos.

Partindo da realidade dos educandos, houve-se a percepção da importância de através da construção de uma educação emancipadora e igualitária, na qual haja troca de conhecimentos por meio das aulas de debates que insiram os acampados nas discussões sobre as lutas no espaço universitário público, apresentar as estruturas da universidade pública, uma vez que é objetivo dos educandos o ingresso na mesma, sendo esta prioritariamente laica e de qualidade.

Também temos consciência de que existe uma série de discriminações que as crianças e jovens do Acampamento Irmã Dorothy vivenciam ao entrar em contato com as escolas públicas das cidades próximas. Os próprios educandos relataram diferentes experiências bastante negativas que tiveram ao estudarem nas cidades. Estas experiências muitas vezes acabaram por afastá-los da vontade de aprender e se sentirem inseguros para tanto em razão do preconceito por parte dos professores e dos outros estudantes, por não terem contato com as experiências do campo, devido à ideologia urbanocêntrica.

É sabido o papel que as mídias têm sobre a criminalização dos movimentos

sociais, contribuindo enormemente para a construção de uma imagem negativa em relação à percepção cidadina sobre o campo e ainda mais sobre o MST.

Em decorrência de questões de acessibilidade de um dos educandos que compõe o projeto, devido ao fato deste ser cadeirante, tivemos que transferir as nossas atividades para o Acampamento Irmã Dorothy.

Com a contextualização da necessidade da construção deste espaço necessário a esta comunidade, pontua-se então os objetivos.

- Objetivos:

- Objetivo Geral:

Propiciar o debate acerca da educação do campo com os acampados do Acampamento Irmã Dorothy cujo intuito visa discutir temáticas caras a esse público, com a finalidade de que os mesmos possam acessar a universidade pública e obter o Certificado de Conclusão do Ensino Médio, garantindo o direito destes educandos ao estudo e dando visibilidade à cidade de Restinga-SP no âmbito da educação.

- Objetivos específicos:

Contribuir para o debate sobre a ideia de universidade construída perante a comunidade acampada.

Compreender de maneira mais aprofundada as questões da luta pela terra e a Reforma Agrária, tentando também contribuir através da militância na área da educação.

Aprofundar o conhecimento sobre as lutas no espaço do campo.

Contribuir na formação dos educandos em diversas áreas do conhecimento, quais sejam: História, Geografia, Física, Química, Biologia, Redação, Gramática, Matemática, Inglês/Espanhol e Sociologia / Filosofia.

-Metodologia:

Na primeira etapa do projeto, fomos visitar as escolas e fizemos uma campanha dentro da universidade, para obter material didático para o cursinho e para o projeto de alfabetização.

Em segundo, foi realizado um levantamento para sabermos a quantidade de educandos que iriam participar do cursinho e da alfabetização de jovens e adultos.

Em terceiro, realizamos um sarau no acampamento, para estabelecer um vínculo com a comunidade acampada.

Em quarto, levamos os novos educadores para conhecer a comunidade, e fizemos uma dinâmica de apresentação, onde foi contada a história do acampamento.

Depois de obtermos os materiais didáticos, iniciaremos as atividades com a comunidade acampada.

-Público alvo:

Como público, contamos com a participação de jovens e adultos a partir de 16 anos interessados em prestar o ENEM e vestibulares(UNESP, UNICAMP, USP e federais), e interessados em participar do projeto de alfabetização residentes no Acampamento Irmã Dorothy. Levando em consideração que 24 pessoas, entre elas, 20 jovens e 4 adultos, sejam esperados para participar das aulas do cursinho e do projeto de alfabetização.

- Cronograma das atividades:

Meses	Dias da semana	Horário
Junho	Sábado (11,18,25)	8h às 12h
Julho	Sábado (dias 2, 9, 16, 23, 30)	8h às 12h
Agosto	Sábado (6, 13, 20, 27)	8h às 12h
Setembro	Sábado (recesso 3,10,17,24)	8h às 12h
Outubro	Sábado (1, 8, 15, 22, 29)	8h às 12h
Novembro	Sábado (5, 12, 19, 26)	8h às 12h
Dezembro	Sábado (3, 10, 17, 24, 31)	8h às 12h

- Quadro de educadores/as:

Adna Andrade	Estudante de Serviço Social	Educador voluntária de Sociologia
Andrei Chirilã	Estudante de História	Educador voluntário de História Geral
Beatriz Jakubowski	Estudante de História	Educador voluntária de Matemática
Clara Borges	Estudante de Serviço Social	Educadora voluntária de Gramática
Daniela Bessoni	Estudante de Serviço Social	Educadora voluntária de Gramática e Alfabetização
Guilherme Cortez	Estudante de Direito	Educador voluntário de Redação
João Vítor Dantas	Estudante de Direito	Educador voluntário de Filosofia e Física
Júlia Fernandes Cordeiro Farias	Estudante de Relações Internacionais	Educador voluntário de Inglês
Laís Helena da Silva	Estudante de Serviço Social	Educadora voluntária de Alfabetização
Mateus França Holmo	Estudante de Relações Internacionais	Educador voluntário de Geografia
Matheus Fernandes	Estudante de História	Educador voluntário de Física e Química
Mayra Ribeiro de Oliveira	Estudante de Serviço Social	Educadora voluntária de Sociologia
Sylvana Goulart	Formada em Medicina Veterinária	Colaboradora e organizadora da Biblioteca
Vitória Siqueira	Estudante de História	Educadora voluntária de Biologia
Wanessa Alves	Estudante de História	Educadora voluntária de História do Brasil
Wendy Gomes de Brito	Estudante de Serviço Social	Educadora voluntária de Literatura

- Espaço físico onde serão realizadas as aulas:

As aulas serão realizadas no Acampamento Irmã Dorothy, localizado entre os municípios de Franca e Restinga, no estado de São Paulo.

Dentro do mesmo, construído pelos próprios acampados, há dois locais diferentes para a realização das atividades do projeto, sendo um espaço para alfabetização e outro para o cursinho. Há também o espaço da biblioteca e ciranda, os quais os educandos se reúnem durante a semana, sublinhando o papel focal que estes espaços possuem enquanto ambientes de socialização e formação dentro do acampamento.

-Impacto:

Acredita-se que o cursinho popular será uma ferramenta que proporcionará melhores condições para que os jovens da comunidade tenham possibilitado o seu ingresso no espaço acadêmico. Ademais, preparará os jovens para seu ingresso também no mercado de trabalho.

- Considerações Finais

Sendo assim, conclui-se que o projeto em questão, inspirado na pedagogia freiriana, visa fomentar debates não somente acerca da educação bancária. Isto é, na formação do ser como ser social, consciente e que vive em um movimento que propõe discussões caras ao contexto em que se inserem, como gênero, sexualidade, racismo, acessibilidade, padrões estéticos, história da cultura e religião, além de questões urbanas e rurais, ou seja: cidadania em sua totalidade.

Neste sentido, como é abordado por Paulo Freire, o ser humano “não é resultado exclusivo da transitividade de sua consciência, que o permite auto-objetivar-se e, a partir daí, reconhecer órbitas existenciais diferentes, distinguir esse ‘eu’ de um ‘não eu’. A sua transcendência está também, para nós, na raiz de sua finitude. Na consciência que tem desta finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou domesticação, mas sempre de libertação” (FREIRE, 2009, p. 48).

- Referências bibliográficas

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- NAXARA, Marcia. **Estrangeiro em sua própria terra**. São Paulo: Annablume, 1994.
- SANT'ANA, R. S. . **A neutralidade da ciência a favor do capital**. Serviço Social & Realidade, v.15, p. 175-190, 2006.